



O AVÔ DE NOEL ROSA

Eduardo Correia de Azevedo preferiu a carreira do pai e do avô formando-se em medicina. Largou sua terra natal Carangola e fez-se clínico conceituado em Juiz de Fora, dividindo seu tempo entre Hipócrates e Calíope.

Amoroso por excelência, suas produções poéticas deixavam a descoberto uma personalidade excessivamente sensual. Algumas vezes, no entanto, seu amor pelas coisas da vida pública se exacerbava e ei-lo a produzir versos em tom marcial, patriótico, como Pobre República, Em Canudos, 15 de Novembro e Tiradentes. Florianista exaltado, republicano incorrigível, sua figura se destacava no cenário juiz-forano: rosto comprido e afinado, bastos cabelos lisos repartidos ao meio, olhar sereno e manso, vastos e negros bigodes que se erguiam arrogantemente em arco, pincenê e uma delicada pera. Autor de três livros de versos Rimas sem Arte, Orquestra e Catecismo, de seu casamento com Rita de Cássia nasceram-lhe três filhos: Marta, aquela que seria a mãe de Noel Rosa, Eduardo mais tarde também médico e Carmem. Sua paixão pela música se refletia nos subtítulos dados ao seu livro Orquestra: Clarins, Órgão, Guitarras, Bandolins, Violinos, Harpa, Flauta e Piano. É nesta última seção que se encontram quatro quadras por ele dedicadas a sua filhinha Marta ao completar dez anos de idade, isso em junho de 1898:

*“Dez anos? Que desaforo! . . .
A velhice já começa. . .
Olha que isso acaba em choro
e ficas vovó depressa.*

*Numa quadra assim funesta
não se usa mais fazer anos
pois hoje. . . está tudo em festa
e amanhã. . . só desenganos.*

*Pára, louquinha, eu te peço;
ou, então, vai devagar! . . .
O tempo não tem regresso,
e há tempo para chorar.*

*Façamos nós um conchavo:
deixa isso pra depois
porque eu, para desagravo
envelheço por nós dois”.*

As rimas são de uma riqueza sem par como biparte e falar-te, desferes e misereres, bochechas e deixas, crime e arrependi-me, estiole-as e magnólias, roxos e muxoxos, disfarce e esquivar-se.

Quando Antônio Sales, em janeiro de 1900, convalescia na Fazenda Bom Jesus do Major Nogueira Jaguaribe, próxima de Juiz de Fora, de uma febre paratífica adquirida no Rio, travou conhecimento com a obra poética de Belmiro Braga e com a de outros valores mineiros como a do médico Eduardo Correia de Azevedo. E chegara a dedicar ao avô materno do Poeta da Vila alguns sonetos como A Bruma, publicado a 21 de fevereiro daquele ano nas páginas do Jornal do Comércio local e integrado no Poesias.

Correia de Azevedo, acobertado em Zut, escreveu Na Berlinda oferecido ao nosso primeiro-forneiro e também divulgado pelas páginas do referido jornal a 13 de março:

*“Que esplêndida visita a que tivemos,
e em que mostraste, poeta, o quanto vales! . . .
Por uns pobres sonetos que fizemos,
que belos pães os que nos deste, ó Sales!*

*Olvidar-nos fizeste o que sofremos,
em prazer transformando nossos males,
e, por isso, a lembrança guardaremos
de teus versos, embora a lira cales.*

*Multiplicando as pérolas da rima,
verteste generosamente em cima
de nós todos torrentes de harmonias. . .*

*Proclamarei, portanto, ao mundo inteiro,
que não és por aí qualquer padeiro,
mas vales por milhões de padarias. . .”*